

(Proterozóico Superior), na região de Pirapora do Bom Jesus, Estado de São Paulo. Os estromatólitos ocorrem em duas áreas, em lentes dolomíticas, provavelmente em níveis estratigráficos distintos, dentro de uma seqüência vulcano-sedimentar estruturalmente complexa, de baixo grau metamórfico.

Na pedreira da *Cosipa*, na cidade de Pirapora do Bom Jesus, os estromatólitos encontram-se em blocos dispersos caoticamente, numa brecha dolomítica encaixada em rochas metavulcânicas básicas, com estruturas de lavas almofadadas. A intensa deformação rúptil, a recristalização metamórfica e a dissolução pós-diagenética tornam difícil no campo, identificar os estromatólitos e o acamamento original, com segurança. Contudo, em amostras seccionadas em laboratório, é possível observar formas colunares retas com laminação sub-milimétrica, convexa e ondulada, que exibem relevo primário, evidenciado pela natureza das margens das colunas, e pela presença de intraclastos de origem estromatolítica, entre as colunas. Nestas amostras as dimensões das colunas observadas variam de 2 a 5,5 cm para o diâmetro, e em até 15 cm para a altura. As colunas podem apresentar ramificações paralelas e, raramente, ligações laterais entre si. Estes estromatólitos são constituídos por dolomicrito cinza, com tonalidade bege. Outros possíveis estromatólitos deste local incluem formas pseudo-colunares e estruturas com laminações parabólicas ou complexamente onduladas.

Na outra ocorrência de estromatólitos, nas pedreiras *Lolli*, 3 km a SW da pedreira da *Cosipa*, a situação estratigráfica é mais clara. As lentes dolomíticas com estromatólitos são sobrepostas por uma seqüência de brechas estratificadas (com níveis de "chert"), metabasitos, margas calcárias e dolomito puro. Os estromatólitos formam camadas com até 2,5 m de espessura, e afloram ao longo de pelo menos 4, a talvez, 8 metros. Incluem formas lateralmente ligadas entre si e, mais comumente, formas colunares, raramente ramificadas, geralmente maiores (com diâmetros de 10 a 20 cm e alturas de até 65 cm) do que os estromatólitos da *Cosipa*.

Nas duas localidades, os estromatólitos ocorrem num contexto geológico vulcano-sedimentar, de caráter básico, que permite situá-los, como hipótese de trabalho, num ambiente de fundo oceânico, no qual a brecha da *Cosipa* talvez represente um talus de recife estromatolítico.

O presente trabalho confirma, pois, a presença de estromatólitos no Grupo São Roque, anteriormente apenas mencionada, e chama atenção para sua importância, tanto para as interpretações estratigráfica e paleoambiental, como para possíveis correlações bioestratigráficas entre as seqüências supracrustais Brasileiras e Pan-Africanas. — (14 de agosto de 1984).

OCORRÊNCIA DE ESTROMATÓLITOS SILICIFICADOS NA FORMAÇÃO IRATI (PERMIANO) NA BORDA SETENTRIONAL DA BACIA DO PARANÁ (MT, GO)* — THOMAS R. FAIRCHILD, ARMANDO M.

* Com um auxílio da FAPESP.

COIMBRA E PAULO CÉSAR BOGGIANI*, credenciados por A. C. ROCHA-CAMPOS — Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP — Seixos silicosos com estromatólitos foram descobertos, recentemente, nos cascalhos do alto Rio Araguaia e afluentes, por Kloosterman (1982, *An. Acad. brasil. Ciênc.*, 54, p. 753-754) e, agora, seixos idênticos são registrados no leito e nas cascalheiras do Rio Paraná, no limite entre os Estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo. A busca de áreas-fontes destes seixos, na área do espigão que separa as bacias hidrográficas dos rios Araguaia e Paraná, resultou na descoberta, *in situ*, de duas camadas de sílex com os mesmos tipos de estromatólitos, dentro da Formação Irati (Permiano), ao norte de Ponte Branca, Mato Grosso, junto ao Domo de Araguinha, na borda setentrional da Bacia do Paraná.

A camada inferior, intercalada em folhelhos negros, típicos do Membro Assistência, é um biostroma tabular delgado (1-3 cm de espessura), composto por estromatólitos colunares finos (diâmetro menor que 5 mm), retos, muito abundantes e uniformes, caracterizados por laminação muito convexa a parabólica e apresentando, ainda, algumas ramificações paralelas e ligações entre colunas adjacentes. A 4m acima deste nível, na zona transicional entre os folhelhos negros e os siltitos e arenitos vermelhos do tipo Estrada Nova, ocorre uma camada, mal exposta e quebrada, de estromatólitos com diâmetros entre 1 e 3 cm, lateralmente ligados entre si, com uma laminação convexa a obtusa, mais grosseira e ondulada do que nas formas colunares. Esta camada é constituída por partes horizontais que separam partes abobadadas, com até 15 cm de altura e 15 a 20 cm de largura, nas quais os estromatólitos formam uma casca externa de poucos centímetros de espessura. Nos 2m acima deste nível aparecem camadas de sílex, com oólitos claros e escuros, brechas intraformacionais do tipo "teepee" e possíveis evaporitos silicificados. Esta associação litológica é muito parecida com o que ocorre no topo da Formação Irati, próximo a Mineiros (GO), onde há, inclusive, moldes de ossos de mesossaurídeos dentro do sílex oolítico.

A seqüência acima descrita testemunha um ambiente raso, ora estagnado, redutor (folhelhos negros), de baixa energia (estromatólitos colunares pequenos), ora oxidante (intercalações de siltito vermelho), agitado (oólitos), sujeito à exposição e ressecamento ("teepees" e brechas de ressecamento), sob condições hipersalinas (possíveis evaporitos), que passa a um ambiente provavelmente continental, bem oxidante (Formação Estrada Nova). Desta forma, em Ponte Branca, o Membro Assistência reduz-se a uma espessura de, aproximadamente, 7 metros. — (14 de agosto de 1984).

PALINOLOGIA DE SEDIMENTOS DA PARTE SUPERIOR DA FORMAÇÃO MISSÃO VELHA, CRETÁCEO DO NORDESTE DO BRASIL — MURILO RODOLFO DE LIMA E JOSE ALEXANDRE DE JESUS PERINOTTO, credenciados por A. C. ROCHA-CAMPOS — Instituto de Geo-

* Bolsista de I. C. — FAPESP.